

*forma de existência*) às dos outros países capitalistas: a formação social soviética poderia assim ser qualificada como um *capitalismo de Estado*.

Prolongar a análise então feita por uma que centrasse as *transformações* na U. R. S. S., no quadro da problemática global da transição para o socialismo, poderia fornecer elementos importantes aos movimentos revolucionários empenhados na construção do socialismo.

Ora o estudo do presente e do passado da União Soviética foram levando Bettelheim mais longe na ruptura com o que ele chama o «marxismo simplificado» das secções europeias da III Internacional, prevalemente a partir dos anos trinta. Logo na sua introdução de *As lutas de classes na U. R. S. S.*, ele se procura demarcar de três teses principais associadas ao «marxismo simplificado», como condição para reencontrar o conteúdo revolucionário do materialismo histórico e do materialismo dialéctico. Uma delas é a tese da «identificação 'mecanicista' entre as formas jurídicas de propriedade e as relações de classe», levando à conclusão ideológica de que as classes exploradoras, e com elas a luta de classes, foram banidas através da supressão da propriedade jurídica privada dos meios de produção. Outra tese, condensação da problemática economicista, é a do «primado das forças produtivas», que atribui ao desenvolvimento das forças produtivas o papel de motor da história: assim se elide a luta de classes e se oculta a importância decisiva das relações de produção. A última tese diz respeito ao efectivo reforço do Estado soviético e dos seus aparelhos repressivos, que entra em aberta contradição com a análise teórica marxista da sua substituição por órgãos de auto-administração das massas à medida que vão desaparecendo os antagonismos de classe. Estaline, impossibilitado de dar respostas correctas por virtude do seu próprio postulado sobre o fim da luta de classes na U. R. S. S., acaba por justificar a situação em termos de uma *causa exterior*: o cerco capitalista.

Definido, por um lado, o objecto global do presente trabalho de Bettelheim, esboçadas, por outro, as grandes linhas da respectiva forma de abordagem, já se deixa ver a importância excepcional desse trabalho.

Resta lembrar que se trata apenas de um primeiro volume: o plano de conjunto envolve a análise do processo da luta de classes na U. R. S. S. até ao presente, por forma a clarificar as determinações do momento actual.

João Ferreira de Almeida

HERPIN, Nicolas — *Les sociologues américains et le siècle*, Paris, P.U.F. (col. SUP), 1973.

1) A análise da actividade de produção científica concreta (isto é, historicamente datada e localizada) faz-se por referência, não só aos elementos que a distinguem de outras actividades (nomeadamente os seus meios de trabalho específicos), como também àqueles que, embora dela sejam indissociáveis, nos remetem de forma mais ou menos directa para o «contexto social», para a sociedade entendida como totalidade complexa estruturada.

A primeira parte de *Les Sociologues américains et le siècle*, um livro de sociologia sobre a sociologia americana, como o seu «Anexo metodológico» abertamente reivindica, recobre precisamente esses dois tipos de condicionalismos. Se em «Orientations théoriques» se delimitam de um modo breve mas particularmente claro os *quadros teórico-ideológicos* definidores de um número limitado de «racionalidades» de investigação (a «Escola de Chicago», o «culturalismo», o «funcionalismo»), já em «Contextes historiques» se esboça a definição das *condições sociais* de emergência e da lógica de transformação do «campo» da sociologia americana. Acrescente-se que a segunda parte do livro, centrada embora na exposição de alguns tipos notáveis de análises empíricas com o intuito de verificar teses anteriormente debatidas, acaba por designar uma quarta «orientação teórica», ao definir certos dos conceitos fundamentais do «interaccionismo».

2) O ritmo de desenvolvimento das diversas formações científicas é comandado por «procuras» sociais, elas próprias formuladas de acordo com critérios que se referem à *utilização* possível dos produtos de conhecimento. Quando, como é o caso da sociologia, essa utilização desempenha um papel de consolidação ou, por outro lado, de subversão/inversão do

sentido das *relações de poder* existentes numa formação social, já se vê que os critérios a que aludimos serão definidos em função dos interesses objectivos da classe que, aos vários níveis da sociedade, for dominante.

Embora deva ter em conta a articulação entre produção e utilização de conhecimentos, qualquer análise sobre as *aplicações* das ciências sociais tem de salvaguardar a especificidade de cada uma dessas esferas. É esse o motivo por que nos parece (pelo menos) equívoca a opção que conduziu Nicolas Herpin a combinar «orientações teóricas» e «tecnologias sociais» (*social engineering*) na noção ampla de *problemática* («um quadro de referência a partir do qual as investigações particulares adquirem um sentido»). Seja como for, a questão da importância e estatuto das «tecnologias sociais» na sociedade americana é decisiva na economia do livro. O próprio processo de «secularização» a que o título alude e o início do texto confirma ([...] *c'est aux Etats-Unis que la sociologie est devenue une profession*); «Des Européens, on peut dire que ce sont des sociologues réguliers; les Américains ont été les premiers sociologues séculiers») só por referência a tal questão pode, com efeito, entender-se.

José Madureira Pinto

HOGGART, Richard — *La culture du pauvre*, Paris, Ed. Minuit, 1970.

Sub-titulada de «Estudo sobre o estilo de vida das clases populares em Inglaterra», a obra, cujo título em inglês é *The Uses of Literacy* (1957), centra-se na descrição e análise da evolução cultural das classes populares entre os anos 20 e 50, fundando-se principalmente na exploração de publicações de grande tiragem e dos seus efeitos.

Se esta é a base principal do trabalho não é a fonte documental exclusiva pois, tal como o autor refere, e por decisão de método cujo alcance teórico é bem significativo, é indispensável, ao descrever o comportamento cultural das classes populares, relacioná-lo com o estilo de vida e com os valores que comandam as suas formas de diversão.

Assim, a primeira parte do livro é uma fascinante descrição do «quadro da vida quotidiana, das atitudes,

das maneiras, das formas de sociabilidade propriamente populares». Este é o fundo sobre o qual se projecta a análise, contida na segunda parte, que releva mais da «crítica literária aplicada às publicações populares».

Ao empreender uma análise da evolução cultural das classes populares, teve o autor necessariamente de entrar em debate com as noções fáceis e facilmente difundidas de «cultura de massa», dos «efeitos massificadores» das mensagens da indústria cultural. Para concluir pela rejeição de tais noções foi-lhe necessário, por um lado, um esforço prévio de delimitação do conteúdo do termo «classes populares», distinguindo, por exemplo, entre classe operária e camadas da pequena burguesia (na sua opinião bastante mais sujeitas ao processo de massificação) e, por outro, a recusa de imagens opostas mas igualmente deformadas da classe popular umas que exageram as qualidades «maravilhosas» da cultura popular, outras que acentuam a sua actual «degradação».

O autor acautela, assim, quer contra as imagens inspiradas por um populismo não criticado, quer contra as imagens que não são mais que a projecção não controlada, sobre a cultura popular, de uma relação de intelectual à cultura burguesa.

Sendo Hoggart um investigador de origem popular, soube ele aproveitar da sua situação (que não contém «naturalmente» o germén da objectividade) as condições privilegiadas para dar conta e simultaneamente ultrapassar as limitações inerentes aos juízos correntes sobre as classes populares. Será, certamente, um dos pontos mais de realçar no conjunto das virtudes da obra: a efectivação das condições de objectividade na análise sociológica das classes populares operada pelo autor que soube fazer a Sociologia da sua relação de classe à situação de intelectual e, num mesmo movimento, a da sua situação de intelectual à sua classe de origem. Situação que lhe permite, segundo as palavras do apresentador da tradução francesa, «[...] no termo de um trabalho *de si sobre si*, cujas condições sociais são precisamente as do trabalho científico, [...] aceder a esta atitude, feita simultaneamente de distância e de participação», atitude pela qual «soube, apesar de todos os mecanismos de defesa que protegem o intelectual saído do povo